

Artigo / Article

# Dialogismo e heterodiscurso na divulgação científica brasileira e francesa: uma análise dialógico-comparativa

*Dialogism and heterodiscourse in the Brazilian and French scientific dissemination: a dialogical-comparative analysis*

---

**Urbano Cavalcante Filho** 

Instituto Federal da Bahia, Ilhéus, Brasil  
Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Brasil  
urbanocavalcante@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-1429-5300>

---

## Resumo

Neste trabalho, propomos uma análise dialógico-comparativa da presença do heterodiscurso na divulgação científica (DC), com o objetivo de verificar como se manifestam as diferentes formas da presença do outro no fio discursivo da DC. Para tanto, discutimos dois importantes conceitos da teoria bakhtiniana, o dialogismo e o heterodiscurso, e apresentamos a concepção de DC que pauta o estudo, enquanto relação dialógico-semântica entre esferas, destacando o papel do divulgador enquanto regente das vozes que povoam a DC. O *corpus* constitui-se de enunciados materializados em duas revistas de divulgação científica: *Ciência Hoje* e *La Recherche*, produções brasileira e francesa, respectivamente. As reflexões apresentadas apontam para a existência de várias formas de presença de outros no discurso da DC (a exemplo da forma dissimulada, construção híbrida, motivação pseudo-objetiva, palavra autoritária e sob a forma de gêneros intercalados), formas também observadas por Bakhtin no seu estudo sobre o heterodiscurso no romance.

**Palavras-chave:** Heterodiscursividade • Análise dialógica do discurso • Análise de discursos comparativa • *Ciência Hoje* • *La Recherche*

## Abstract

This paper proposes a dialogical-comparative analysis of the presence of heterodiscourse in scientific dissemination (SD), aiming at verifying how the different forms of the presence of the other manifest themselves in the discourse

---

\* Recebido em: 31/10/2021 | Aprovado em: 19/03/2022

**LINHA D'ÁGUA**

Todo conteúdo da *Linha D'Água* está sob Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0.

thread of SD. Therefore, we discuss two important concepts of Bakhtin's theory, dialogism and heteroglossia, and present the concept of SD that guides the study, as a dialogico-semantic relationship between spheres, highlighting the role of the disseminator as a conductor of the voices that populate SD. The corpus consists of utterances materialized in two scientific dissemination magazines: *Ciência Hoje* and *La Recherche*, Brazilian and French publications, respectively. The considerations presented point to the occurrence of various forms of the presence of the other in the discourse of SD (such as the disguised form, hybrid construction, pseudo-objective motivation, authoritative discourse, and in the form of interspersed genres), forms also observed by Bakhtin in his study of heteroglossia in the novel.

**Keywords:** Heteroglossia • Dialogical discourse analysis • Comparative discourse analysis • *Ciência Hoje* • *La Recherche*

*La vita per sua natura è dialogica.  
Vivere significa partecipare a un dialogo.*  
Michail M. Bachtin  
*Problemi dell'opera di Dostoevskij* (1929)

## Introdução

Mikhail Bakhtin, em seu empreendimento epistemológico, teórico e metodológico sobre a língua(gem), encarou, numa perspectiva sociológica, a heterogeneidade concreta da *parole*, isto é, o *slovo* (palavra, discurso, em russo), encarando-o como uma manifestação da interação dialógica entre os sujeitos sociohistóricos que a utilizam; sujeitos esses carregados de subjetividades, além de influenciados sociopolítica e culturalmente pelas esferas de comunicação humana nas quais estão inseridos.

Afirmamos, junto com Bakhtin, que qualquer construção de enunciados, nas mais variadas esferas ideológicas, resulta de uma criação coletiva, faz parte de um diálogo cumulativo entre o eu e o(s) outro(s), numa atitude e numa compreensão responsiva e responsável constante. O enunciado, encarado como “real unidade da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2016, p. 28) e apresentando um caráter concreto e material no mundo ideológico, além de ser produzido por sujeitos sociohistoricamente situados, acaba por comportar diversidades e multiplicidade de sentidos e vozes, que vão sendo construídos e compreendidos responsável e responsivamente numa interminável relação dialogizante.

É pautado no *diálogo* (entendido como pontos de vista entre, pelo menos, duas consciências em tensão) que Bakhtin alicerça sua reflexão, seja no desenho de sua concepção de linguagem, seja na busca de um método sociológico singular para empreender uma teoria que articula, arquitetônica e cronotopicamente, o espectro literário, filosófico e ético da linguagem e dos sujeitos da língua(gem). Para o filósofo russo, a orientação dialógica é o fenômeno caracterizador e constitutivo de qualquer discurso vivo, desde aquela prosa extraliterária (como o discurso do cotidiano, o retórico, o científico) até o literário.

## LINHA D'ÁGUA

Diante dessas considerações, o objetivo central deste estudo (que faz parte de uma investigação maior<sup>1</sup>) é analisar a manifestação da heterodiscursividade, por meio das formas da presença de outrem no discurso da divulgação científica em duas comunidades de línguas e culturas distintas (brasileira e francesa), numa perspectiva comparativa.

Do ponto de vista teórico, o presente estudo articula a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (tomando, principalmente, os trabalhos de Bakhtin sobre a obra de Dostoiévski (1929, 1963) e seu estudo sobre o heterodiscurso no romance (2015)) com a Análise Comparativa/Contrastiva de Discursos (vertente teórica nascida na Université Sorbonne Nouvelle, na França, no âmbito do *Cediscor - Centre de recherche sur les discours ordinaires et spécialisés*<sup>2</sup> / hoje *Clesthia - Axe Sens et discours*), cujo objetivo de estudo é analisar como as representações sociais das comunidades e culturas distintas se manifestam discursivamente sob a égide comparativa, isto é, o objeto de estudo centra-se na comparação de diferentes culturas discursivas. Trata-se de uma corrente que, visando observar regularidades, padrões e/ou variabilidades em comunidades e culturas distintas, toma, por parâmetro de comparação, geralmente, um mesmo gênero discursivo das comunidades que constituem o objeto de estudo.

Assim como fez Bakhtin no estudo do heterodiscurso no romance, analisando as diferentes formas que o discurso do outro é introduzido no discurso do autor, procederemos à análise desse tratamento dialógico no discurso da Divulgação Científica (doravante DC), articulando essas duas vertentes teórico-metodológicas, como já fizemos em outros estudos.

Bakhtin, em muitos dos seus apontamentos sobre o caráter dialógico da linguagem, tomou os textos literários como objeto de reflexão e análise, em especial, a prosa dostoiévskiana. Também os observamos na obra *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, especialmente, na 3ª parte, em que Volóchinov exemplifica esse caráter dialógico, através do exame do discurso citado. Interessa-nos, neste estudo, assim como fez Bakhtin ao analisar o fenômeno heterodiscursivo na literatura, observar como ocorre e se manifesta esse fenômeno na DC. Desse modo, perguntamos: de que maneira as diferentes formas que a fala do outro entram no discurso do autor, como Bakhtin viu no texto literário, se manifestam quando tomamos outros gêneros de outras esferas ideológicas para análise? Essas formas se materializam nos enunciados de maneira distinta e/ou similar?

Como bem disse Boris Schnaiderman em sua palestra no Colóquio *Dialogismo: 100 anos de Bakhtin*, ocorrido na Universidade de São Paulo em 1995, para além da relevância dos trabalhos de teoria literária que tomam por base os postulados bakhtinianos, o legado deixado por Bakhtin nos dá a possibilidade de exploração de outros campos da cultura

---

<sup>1</sup> Pesquisa de Pós-Doutoramento vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), voltada ao estudo dialógico e comparativo do discurso da divulgação científica brasileira e francesa, materializado nos enunciados das revistas *Ciência Hoje* e *La Recherche*, sob a supervisão da Profa. Dra. Sheila Vieira de Camargo Grillo.

<sup>2</sup> Em português: Centro de pesquisa sobre os discursos cotidianos e especializados.

(SCHNAIDERMAN, 2005). Assim, apesar da diferença de gêneros, de esferas, de sujeitos, de finalidades, de vontades discursivas, entre outros aspectos, que estão entre o romance estudado por Bakhtin e a DC estudada por nós, reiteramos o seu caráter dialógico e heterodiscursivo, que nos permite examinar como o discurso de outrem se manifesta na discursividade da DC.

## 1 O dialogismo bakhtiniano

O interesse das diversas áreas do conhecimento sobre o conceito de dialogismo (a exemplo da filosofia, do direito, da psicologia, da sociologia, entre outros) está associado, geralmente, ao nome de Mikhail Bakhtin e aos outros membros do conhecido Círculo de Bakhtin<sup>3</sup>. As noções de *diálogo* e *dialogismo* recaem, com mais entrada, na ciência da literatura, na linguística e na análise do discurso, nas quais as ideias de Bakhtin, primordialmente, encontram sua aplicação (encarando aplicação, aqui, não no sentido meramente técnico de formatar mecanicamente categorias analíticas para análise de eventos do discurso, mas como premissa extremamente fecunda para explicar os fenômenos do sujeito do discurso sociohistoricamente situado e produtor de textos e sentidos nas mais diversas esferas de atividade humana). Afinal de contas, o entendimento de dialogismo e de relações dialógicas, como Bakhtin tratou em *Problemas da obra de Dostoiévski (Problemy tvórtchestva Dostoevskogo)*, pode ser traduzido como um acontecimento que ultrapassa a ideia de meras réplicas de um diálogo entre falantes, da forma como composicionalmente se apresentam nos textos; mas antes, é um fenômeno universal (daí, por exemplo, como citamos, várias áreas do conhecimento reivindicarem tal conceito para explicar seus respectivos fenômenos). Trata-se de uma noção que faz parte de manifestações da vida humana e, por conseguinte, de todo discurso humano, de tudo que significa (ideia, aliás, que Bakhtin compartilha com o linguista Roman Jakobson) (CLARK; HOLQUIST, 2008).

Em 1929, ano da publicação de *Marxismo e filosofia da linguagem* e *Problemas da obra de Dostoiévski*, o tema do dialogismo se fez presente como alicerce básico da reflexão que Volóchinov e Bakhtin vinham empreendendo (sem contar que, desde seu primeiro texto, *Arte e Responsabilidade*, publicado em 1919, o tema do dialogismo já estava presente nas reflexões, quando o autor deixa clara a relação intrínseca entre ciência, arte e vida).

Em *Problemas da obra de Dostoiévski*, o tema do dialogismo ou das relações dialógicas aparece destacado quando Bakhtin se debruça sobre as peculiaridades dos romances de Fiódor Dostoiévski. Essa atenção é voltada para a questão da composição, do tipo, do estilo etc., concluindo que uma marca essencial e distintiva na obra de Dostoiévski é seu caráter polifônico, no qual está constitutivamente presente o conceito de dialogismo. Conforme hipotetiza Tezza:

---

<sup>3</sup> Círculo de Bakhtin é a denominação dada pelos pesquisadores ao grupo de intelectuais russos que se reunia regularmente no período de 1919 a 1929, dentre os quais fizeram parte Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volóchinov e Pável N. Medviédev.

é que Bakhtin encontrou na obra de Dostoiévski a perfeita ilustração de seu projeto filosófico [...] sintetizado no complexo conceito de polifonia, a categoria essencial do que ele chamou romance polifônico, e que, a rigor, apenas o romancista russo realizou em sua plenitude (pelo menos na justa dimensão bakhtiniana, desconsiderando as diluições do termo levadas a cabo por outras correntes teóricas) (TEZZA, 2003, p. 141).

No entanto, convém lembrar que nem todas as obras de Dostoiévski são consideradas polifônicas. Maciel (2014) faz uma importante observação sobre as obras dostoiévskianas que se enquadrariam perfeitamente em romances polifônicos ou dialógicos. Assim afirma o autor:

Bakhtin estabelece, assim, embora não de modo explícito, que há obras nas quais se encontram relações dialógicas – como *Gente Pobre* e *O duplo* – e outras em que essas relações são de tal maneira desenvolvidas que é possível distingui-las como polifônicas – como os romances *Crime e castigo*, *O idiota* e *Os irmãos Karamázov*, por exemplo. A amplitude e a complexidade das relações dialógicas ajudam a diferenciar os romances polifônicos das novelas e romances dialógicos (MACIEL, 2014, p. 271).

Em se tratando de *Problemas da obra de Dostoiévski*, dois aspectos merecem destaque para confirmarmos a ideia de que o sentido de uma obra literária, por exemplo, é construído na negociação entre autor-texto-leitor (mas poderíamos expandir essa reflexão para pensarmos em outras esferas ideológicas): 1) a orientação dialógica da palavra para o herói revelando um novo autor a partir do tratamento dialógico recebido pelo herói/personagem; são vozes que estão em diálogo; 2) a noção de alteridade – do sujeito e da linguagem. Alteridade, aqui, entendida como a abertura ao outro, pois é a palavra do outro que nos traz o mundo exterior; afinal, a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (VOLÓCHINOV, 2017).

Nesse primeiro aspecto, Bakhtin vê no pensamento dialógico a base para o entendimento do que é a vida humana, ou seja, a totalidade da vida é encarada como um diálogo contínuo, permanente, não finalizável.

Em dois manuscritos distintos, mas constantes da mesma coletânea, *Estética da criação verbal* (2011a), Bakhtin afirma:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2011a, p. 348).

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascido no diálogo de séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles irão sempre mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, diálogo futuro (BAKHTIN, 2011b, p. 410).

No segundo aspecto, na perspectiva de Bakhtin, o eu e o outro são concebidos inseparavelmente, tendo a linguagem como seu elemento articulador. Brait (2003), ao analisar a obra bakhtiniana, diz que o estudioso

afirma que tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala (BRAIT, 2003, p. 14).

Dessa forma, o *eu*, para Bakhtin, não é autônomo, muito menos monádico; para que ele se defina e seja como “autor” de si mesmo, o *eu* necessita da colaboração dos outros. Essa noção da relação entre o *eu* e o *outro* é que está no centro do seu projeto epistemológico, teórico e metodológico-analítico. É essa manifestação dialógica, materializada no heterodiscurso, que pretendemos observar no funcionamento discursivo da Divulgação Científica. De um lado, temos a DC concretizando relações dialógicas entre esferas, entre sujeitos, entre gêneros; de outro, temos o dialogismo alicerçando a manifestação da presença do outro, através das diferentes formas de inserção do discurso de outrem, por meio das variadas vozes, no discurso do divulgador, como discutiremos nas seções seguintes.

## 2 O heterodiscurso e a natureza heterodiscursiva do dizer

*Raznoréchie* é um termo russo que significa diversidade de discursos ou heterodiscurso, conforme traduziu Bezerra (2015). Esse importante conceito é definido por Bakhtin como o “discurso do outro na linguagem do outro” (BAKHTIN, 2015, p.113). Em algumas traduções ou trabalhos brasileiros que tratam desse conceito, encontramos o termo heteroglossia ou plurilinguismo (a exemplo da tradução da equipe de Aurora Fornoni Bernadini (BAKHTIN, 2010) e Carlos Alberto Faraco (2009), apenas para citar esses dois). No entanto, Bezerra (2015) optou pela escolha da palavra heterodiscurso, assim justificando sua opção:

No Brasil consagrou-se o termo *heteroglossia* como tradução da palavra russa *raznoréchie*, que significa diversidade de discursos ou heterodiscurso, termo pelo qual optei em minha tradução. O vocábulo russo também foi traduzido como plurilinguismo, que é mais palatável ao leitor brasileiro, porém difere semanticamente do original russo e do sentido que Bakhtin lhe atribui. O termo *raznoréchie* (heterodiscurso) é bastante antigo na língua russa, nada tem de estrangeirismo e menos ainda de neologismo. Qualquer russo, independentemente do grau de escolaridade, pode até não compreender a fundo o sentido da palavra, mas percebe que ela é formada por *ráznie* (diversos) e *riétchi* (discursos, falas) e percebe seu sentido geral. E qual é a distância entre a inteligibilidade da palavra heteroglossia e a compreensão do leitor brasileiro? Minha experiência pessoal de professor de Teoria Literária comprova que tal distância é bastante grande. Aí não há nada que lembre discurso, que é o fio condutor de toda a reflexão bakhtiniana em torno da palavra *raznoréchie*. Sempre evitei empregar o termo heteroglossia com meus alunos, preferindo diversidade de discursos ou heterodiscurso. E assim procedi por entender que a Teoria Literária tem a função de iluminar o texto, e não de dificultar o acesso à sua gama de sentidos. Daí minha opção pelo termo heterodiscurso, que, além de ser mais familiar à língua portuguesa, traduz seu sentido original russo e o pensamento de Bakhtin (BEZERRA, 2015, p. 248).

Em 1988, o Brasil teve contato com a 1ª edição da tradução do ensaio *O discurso no romance*, constante da coletânea *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. O

*plurilinguismo no romance* constitui, nessa coletânea, a 3ª parte do referido ensaio (*O discurso no romance*), escrito em 1934-1935, e apresenta esse importante conceito estudado por Bakhtin nos enunciados literários.

No projeto de uma nova tradução para o português, diretamente do russo, feito por Paulo Bezerra, a obra *Teoria do romance* de Bakhtin foi dividida em 3 volumes. É no primeiro volume, intitulado *Teoria do romance I – A Estilística*, que consta o estudo que Bakhtin fez das diferentes “formas composicionais da inserção e organização do heterodiscurso no discurso” (BAKHTIN, 2015, p. 79).

Na nova tradução, a 3ª parte do ensaio é intitulada *O heterodiscurso no romance* e é dedicada à análise dos procedimentos de introdução e utilização do heterodiscurso na prosa literária. O romance humorístico (tendo como representantes os ingleses Henry Fielding, Laurence Sterne, Charles Dickens e os alemães Theodor Von Hippel e Jean Paul) é o tipo de romance escolhido por Bakhtin para analisar esse fenômeno heterodiscursivo.

Na análise de alguns trechos do romance *Little Dorrit* de Charles Dickens, Bakhtin mostra as maneiras como o autor manipula as vozes ali presentes. Nesse sentido, o filósofo mostra que a fala do outro entra no discurso do autor de diferentes formas, a saber: i) *sob a forma dissimulada*; ii) *construção híbrida*; iii) *motivação pseudo-objetiva*.

Detalhando brevemente cada uma dessas maneiras, Bakhtin nos mostra que a introdução do discurso do outro *sob a forma dissimulada* é caracterizada pela ausência de “quaisquer traços formais do discurso do outro – direto ou indireto” (BAKHTIN, 2015, p. 82); a *construção híbrida* é marcada pela mescla de “dois enunciados, duas maneiras discursivas, dois estilos, duas ‘linguagens’, dois universos semânticos e axiológicos” no enunciado do falante (BAKHTIN, 2015, p. 84); e a *motivação pseudo-objetiva*, enquanto uma das variedades de construção híbrida, é apresentada como “discurso dissimulado do outro na linguagem do outro” (BAKHTIN, 2015, p. 83-84).

Tomando as obras *Pais e Filhos* (1862) e *Terra virgem* (1876) de Ivan Turguêniev, o pensador russo analisa *o discurso dos heróis* como outra forma de introdução e organização do heterodiscurso no romance, marcada pela “independência verbo-semântica, sendo por seu horizonte um discurso do outro na linguagem do outro” (BAKHTIN, 2015, p.100), mas também refratando as intenções do autor, uma espécie de segunda linguagem do autor.

Ainda cabe mencionar que uma das formas mais basilares e substanciais de manifestação do heterodiscurso trazidas por Bakhtin nesse ensaio é a dos *gêneros intercalados*:

O romance permite que se introduzam em sua composição diferentes gêneros, tanto literários (novelas intercaladas, peças líricas, poemas, cenas dramáticas, etc.) como extraliterários (retóricos, científicos, religiosos, narrativa de costumes, etc.). Em princípio, qualquer gênero pode ser incluído na construção do romance, e de fato é muito difícil encontrar um gênero que não tenha sido introduzido algum dia e por alguém no romance. Os gêneros introduzidos no romance costumam conservar nele a elasticidade de sua construção, sua autonomia e sua originalidade linguística e estilística (BAKHTIN, 2015, p. 108).

Para finalizar esse tópico, não poderíamos deixar de fora da discussão o *discurso autoritário*, considerado substancial para Bakhtin, por estar voltado “para a assimilação do discurso do outro no processo de formação ideológica do homem”, não atuando, simplesmente, como informação, instrução, regras, etc., mas determinando “os próprios fundamentos da nossa relação ideológica com o mundo e do nosso comportamento” (BAKHTIN, 2015, p. 136).

Como visto, o olhar de Bakhtin para a análise dos procedimentos de introdução e utilização do heterodiscurso se deu na prosa romanesca. Diante disso, ampliando a análise para fora do campo literário, interessa-nos saber como esses procedimentos se manifestam em outras esferas de comunicação humana. Suas manifestações se dão de forma similar, diferente ou variável? Quais características esses procedimentos assumem, considerando tratar-se de outras esferas, manifestadas em outros gêneros por outros sujeitos?

Boris Schnaiderman (2005) ajuda-nos a responder a essas questões quando afirma que “por mais relevância que tenham os trabalhos de teoria literária baseados em Bakhtin, e por mais que eles ainda nos possam dar, o que ele deixou delineado para a exploração de outros campos parece particularmente rico em sugestões” (SCHNAIDERMAN, 2005, p. 20). Essa afirmação de Schnaiderman acaba por destacar a proficuidade que as discussões bakhtinianas apresentam para se observar manifestações de outros campos do conhecimento, outros lugares onde discursos de diferentes esferas se manifestam, como é o caso da DC, nosso objeto de estudo.

Defendemos que tanto a prosa romanesca quanto o discurso da ciência ou da popularização da ciência comungam do princípio dialógico. De um lado, temos, na prosa romanesca, autor, narrador e personagem estabelecendo relações dialógicas; e de, outro, no caso da DC, cientista, divulgador e o grande público também em relação dialógica, apenas para citar esse exemplo de manifestação. Assim como Bakhtin (2015) concebeu o romance como um fenômeno heterodiscursivo, nossa hipótese é a de que tal fenômeno ocorre na DC, ao observamos em sua materialidade discursiva a voz de outrem materializada em diferentes procedimentos, como tratados na seção 4 deste artigo.

Na seção seguinte, dedicamos nossa atenção à concepção que adotamos da DC que justificará nossa posição de concebê-la como um fenômeno heterodiscursivo, para analisarmos, na sequência, como nela se manifesta o discurso do outro, mediado pelo dizer do divulgador, o regente dessas vozes.

### **3 A divulgação científica sob o olhar das análises de discursos dialógica e comparativa**

*A divulgação científica é dialógica por natureza.* Iniciamos esta seção com essa afirmação parafraseada da citação que abre o artigo, com o intuito de dizer que, embora Bakhtin tenha tomado como objeto de reflexão o diálogo de culturas no campo da literatura, suas ideias

podem ser, oportuna, pertinente e satisfatoriamente ampliadas para se pensar a DC como diálogo e interação entre culturas. Defendemos que a DC representa autênticos diálogos de esferas, gêneros e sujeitos, nos quais o divulgador (doravante DV) passeia por entre as entranhas dos outros enunciados, ausculta as vozes que povoam esses outros gêneros nas diversas esferas, trazendo-os para o projeto de dizer da DC.

O estudo da DC, além de interessar a diversas áreas do conhecimento, a exemplo da sociologia, da ciência da informação, do jornalismo, dentre outras, foi tópico de observação de Bakhtin já nos seus escritos da década de 1950, quando escreveu o manuscrito *Os gêneros do discurso*, como já demonstrado por Grillo e Glushkova (2016) e Cavalcante Filho (2018). Além disso, o estudo do discurso da DC também já interessou a diferentes correntes da análise do discurso. Aqui, destacamos a Análise Dialógica do Discurso como uma vertente reivindicada por vários pesquisadores para entender e explicar o funcionamento do discurso da DC, a partir do seu aparato teórico-metodológico<sup>4</sup>, e a Análise de Discursos Comparativa, vertente da análise do discurso nascida na França, no âmbito do *Cediscor* (hoje *Clesthia - Axe - Sens et Discours*). Na França, vários trabalhos já foram desenvolvidos tomando os enunciados da DC como objeto de estudo. No Brasil, alguns trabalhos vêm se destacando no estudo da DC numa perspectiva comparativista, articulada com uma abordagem dialógica<sup>5</sup>. Nos trabalhos que desenvolvemos, temos chamado de análise dialógico-comparativa a empreitada investigativa que articula as duas análises de discursos, a dialógica e a comparativa, no processo de compreensão, descrição, interpretação e análise do fenômeno discursivo da DC (cf. CAVALCANTE FILHO, 2018, 2021).

No editorial do volume 11, n. 3, da *Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso* (2016), as editoras dessa edição afirmam que

O fenômeno discursivo da divulgação/popularização da ciência tem sido conceituado de modo variado por diferentes perspectivas teóricas [...] tradução ou reformulação do discurso científico - abordagem predominante nos estudos da linguagem; gênero discursivo; atividade de recontextualização; construção dependente dos processos da encenação midiática; e modalidade particular de relação dialógica (GRILLO; GIERING; MOTTA-ROTH, 2016, p. 4).

Pelo fato de a DC manifestar-se em várias esferas (como a educação, a midiática, a científica, como nos lembra Grillo (2013), e materializar-se em diferentes gêneros, sua conceptualização transita por diferentes perspectivas, sendo concebida, muitas vezes, como gênero, esfera, prática de reformulação ou relações dialógicas entre esferas. Nesse sentido, nós concebemo-la, assim como fez Grillo, como

<sup>4</sup> Referências a esses trabalhos podem ser vistas em Cavalcante Filho (2020).

<sup>5</sup> Alguns trabalhos pioneiros nessa perspectiva são o de Grillo e Glushkova (2016), seguido por Cavalcante Filho (2018, 2021) e Silva e Grillo (2019), dentre outros, todos desenvolvidos no âmbito do grupo de pesquisa *Diálogo* (USP/CNPq). Destacam-se ainda os estudos de Machado sobre blogs de divulgação científica em diferentes contextos (MACHADO, 2018; 2021).

modalidade particular de relação dialógica – entendida na acepção bakhtiniana enquanto uma relação axiológico-semântica – entre a esfera científica e outras esferas da atividade humana, aí incluídos os níveis superiores da ideologia do cotidiano, cuja materialidade são os enunciados de gêneros variados (reportagem, artigo, editorial, livro, romance, exposição etc.) (GRILLO, 2013, p. 88).

Assim como Dostoiévski, cujo universo é plural, defendemos que a DC “vive” nesse universo heterogêneo e multifacetado, seja por considerarmos a representação das esferas que a constituem, seja pelas vozes que são materializadas, advindas de outras diferentes esferas. Nesse ponto, dois aspectos merecem menção para diferenciarmos a prosa romanesca (no caso de Dostoiévski) do discurso de DC: primeiramente, se no romance de Dostoiévski, Bakhtin observa a autêntica polifonia, por termos um autor que rege uma multiplicidade de vozes e consciências (vozes reais ou “inventadas” pelo autor-criador), na DC, as vozes advêm de sujeitos, em geral, reais. Em segundo lugar, a multiplicidade de vozes, de consciências plurais no romance polifônico de Dostoiévski são equipolentes, enquanto que na DC a variedade de vozes convocadas (do cientista, do divulgador e do leitor) que compõem tal projeto discursivo é regido pelo divulgador, não havendo, portanto, equivalência em seu estatuto.

Não estamos diante da representação de um eu único, indiviso, mas da arena discursiva de mais de um eu, todos eles carregados de valores, axiologias, que, ao serem convocados a participar da construção do discurso de DC, dialogam entre si, interagem, preenchem com suas vozes esse projeto dialógico de largo espectro, visto que nele se fazem presentes diferentes esferas (científica, educacional, jornalística etc.), diferentes vozes (cientistas, jornalistas, divulgadores, destinatários), diferentes gêneros (reportagem, artigo, dossiê, entrevista etc.), diferentes signos semióticos (texto verbal, não verbal – infográfico, tabela, boxe explicativo etc.), enfim, ele é resultado de complexas relações dialógicas, que constituem e caracterizam o tecido dialógico do projeto discursivo da DC.

Para o leitor não especialista, muitas vezes, esse encontro de duas ou mais vozes ou duas ou mais esferas não fica claramente perceptível, pois esse leitor, ao ler um texto de DC, busca informações como um todo, preocupado, portanto, com o que é dito, não dispensando, na sua atitude compreensiva responsiva ativa, um olhar pontual e analítico sobre a constituição desse discurso nos textos objeto de sua leitura.

Enfim, embora cada esfera que compõe a DC tenha sua *relativa independência*, o divulgador, ao participar do diálogo, é ao mesmo tempo autor e organizador das vozes de sujeitos reais, que ele convoca para participar do fenômeno heterodiscursivo da DC.

### 3.1 O divulgador: uma voz regente de vozes

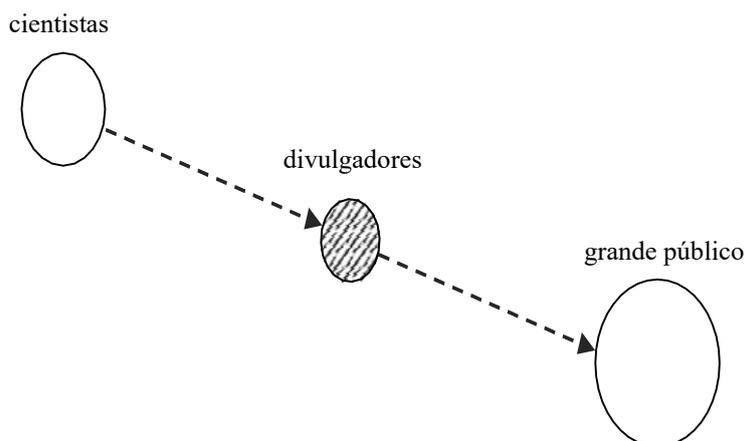
Em *Problemas da Obra de Dostoiévski* (1929), a palavra é concebida por Bakhtin como um fenômeno social, um “meio” de troca interindividual. Nesse sentido, a palavra sempre tem, em sua constituição e horizonte, a presença do “outro”.

Dostoiévski considera que não pode compreender, conhecer e afirmar seu próprio “eu” (o “eu para mim”) sem o outro; sem o outro “eu” e sem o reconhecimento e a afirmação do meu “eu” pelo outro (o “eu para o outro”). Por sua natureza, o “eu” não pode ser solitário, um “eu” sozinho, pois só pode ter vida real em um universo povoado por uma multiplicidade de sujeitos interdependentes e isônomos (BEZERRA, 2012, p. 194).

Nesse jogo em que *eu* me projeto no *outro* e, da mesma forma, o *outro* se projeta em *mim*, esse eu representado na DC pela figura do DV assume um importante papel e nos instiga a voltarmos nossa atenção à “importância que [o DV] exerce, no jogo interativo que caracteriza a interação entre a enunciação do especialista com a enunciação do não especialista” (CAVALCANTE FILHO, 2011, p. 53).

Estamos diante, portanto, de uma enunciação ternária, ou seja, os lugares enunciativos são discursivamente constituídos a partir de três polos que representam as três esferas sociodiscursivas (MOIRAND; REBOUL-TOURÉ, RIBEIRO, 2016) e que são representadas por essas autoras no seguinte modelo prototípico:

**Figura 1.** Esquema dos polos da divulgação científica



**Fonte:** MOIRAND; REBOUL-TOURÉ, RIBEIRO, 2016, p. 142.

Como pode ser observado, o “mediador ocupa a posição de ‘transmissor’ e se situa entre os cientistas e o grande público” (MOIRAND; REBOUL-TOURÉ, RIBEIRO, 2016, p. 142). No polo à esquerda, temos o lugar dos cientistas, e no outro extremo, o grande público, a quem os textos são endereçados. Segundo esse modelo, há um direcionamento unilateral nessa representação da enunciação da DC, quando o enunciado “sai do enunciador”, passa pelo divulgador até chegar ao grande público, sem demonstração de troca, interação dialógica e/ou responsividade. Diferentemente dessa orientação apresentada no modelo, e considerando também nossa perspectiva de entendermos a DC enquanto relação dialógica entre esferas, defendemos que o esquema enunciativo é marcado pelo diálogo (e não pela unilateralidade representada pelas flechas de direção única – nesse sentido, defendemos que as flechas deveriam ser de pontas duplas, demonstrando um movimento de ida-e-volta, um movimento

dialógico “↔”). Concebemos, portanto, uma esfera estabelecendo contato, interação e troca com as outras esferas, num movimento dialético e dialogicamente interacional, além de ser marcado por uma responsividade constante.

Nesse diálogo e interação entre esferas, sujeitos e gêneros, o DV não define e organiza as vozes à revelia, há todo um jogo de relação de sentido entre as vozes e seus universos que permitem que elas se relacionem, formando um todo discursivo da DC, na luta de concordância, de discordância ou de complementaridade entre as vozes que ali são convocadas para constituí-la.

Todas essas vozes vão refletindo e recriando um universo de transmissão de conhecimento num projeto de inacabamento (temático, já que há um acabamento formal), que é a própria essência da DC. Apoiados em *O autor e a personagem na atividade estética* (BAKHTIN, 2011) e *O método formal nos estudos literários* (MEDVIÉDEV, 2012), podemos afirmar que tal qual o discurso ético, o discurso da ciência – e por expansão o da DC – são inacabados, tanto em seu aspecto composicional quanto em seu aspecto temático arquitetônico. O que temos no discurso da DC é somente um acabamento composicional do enunciado, “que se mantém na periferia verbal”, mas não um acabamento temático autêntico dele, pois, assim como o científico, o trabalho da DC nunca finaliza: “onde acaba um, continua outro” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 194). Afirma ainda o autor:

com exceção da arte, nenhum campo da criação ideológica conhece o acabamento no sentido próprio da palavra. Fora da arte, todo acabamento, todo final, é convencional e superficial e, antes de tudo, determinado por causas externas, e não pelo acabamento interno e exaurido do próprio objeto (MEDVIÉDEV, 2012, p. 194).

Portanto, conforme apregoa Medviédev (2012), o acabamento é uma particularidade específica da arte, só na esfera artística o autor-criador dá acabamento ao objeto, enforma-o, levando em consideração a relação valorativa que seu conteúdo possui com seu material.

## 4 O heterodiscurso em *Ciência Hoje* e *La Recherche*

*Ciência Hoje* e *La Recherche*. Estamos diante de dois enunciados de comunidades e culturas distintas. A revista brasileira *Ciência Hoje* é editada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), com periodicidade mensal. Ela é considerada a primeira e mais antiga revista especializada em divulgação científica no Brasil, tendo sua primeira publicação em 1982. Já a revista francesa *La Recherche* (LR), também de periodicidade mensal, é uma publicação da *Société d'Éditions Scientifiques*. Foi criada em 1946 sob o nome de *Atomes*, mas em 1970 passou a se chamar *La Recherche*. É nesse material de divulgação científica que observaremos o fenômeno heterodiscursivo.

Intencionamos mostrar os procedimentos de transmissão do discurso do outro nos enunciados de DC, no entanto, enfatizamos que a análise será realizada numa perspectiva comparativa, observando se o fenômeno heterodiscursivo ocorre (ou não) nas duas comunidades e se há variação nas suas diferentes formas de manifestação.

## LINHA D'ÁGUA

A escolha dos enunciados analisados a seguir obedeceu a dois critérios principais: 1) os enunciados serem de revistas de países distintos, especializadas em divulgação da ciência e reconhecidas nacional e internacionalmente; 2) os enunciados das edições escolhidas apresentarem compatibilidade semântica nos temas tratados, levando em conta o princípio da *comparabilité* (“comparabilidade”, como apregoa a análise comparativa de discursos), resultando, portanto, em dois enunciados voltados ao tema saúde e dois voltados à comemoração de décadas do fazer científico. Essa proximidade temática se apresenta bastante pertinente quando pretendemos observar na enunciação de assuntos similares a presença do dizer do outro no fio do discurso da DC.

#### 4.1 As formas do discurso do outro na DC

Nesta subseção, analisaremos como o discurso do outro se insere no discurso da DC, tal como Bakhtin fez tomando o discurso do outro na esfera literária. Observaremos se tais formas de inserção do outro se fazem presentes e como elas manifestam. Não são autores, narradores, personagens falando, como na prosa romanesca, mas sujeitos no papel de cientistas, divulgadores e leitores, materializando relações dialógicas por meio do discurso de outrem. Circunscrevemos essa observação a 5 formas de inserção do discurso do outro na DC: i) discurso de outrem sob a forma dissimulada; ii) construção híbrida; iii) motivação pseudo-objetiva; iv) discurso de autoridade e v) gêneros intercalados.

i. O discurso de outrem *sob a forma dissimulada*: no romance humorístico, Bakhtin observou o fenômeno enquanto forma de elaboração literária, numa espécie de reprodução paródico-humorística. Fora da esfera literária, essa forma dissimulada de apresentar o discurso do outro, essa característica paródica pode ser vista como a inserção de um discurso do outro marcado por um outro estilo, uma outra forma de dizer que apresenta diferenças estilísticas e axiológico-semânticas. Essa outra forma, na DC, é introduzida sem a apresentação de traços formais que o distingam, conforme observado a seguir:

**Quadro 1.** O discurso de outrem sob a forma dissimulada

CIÊNCIA HOJE (CH)	LA RECHERCHE (LR)
A bactéria e a doença. Foi durante a terceira pandemia que, em junho de 1894, o pesquisador suíço naturalizado francês Alexander Yersin (1863-1943) (figura 1) isolou pela primeira vez a bactéria causadora da peste, em cadáveres e em ratos comuns ( <i>Rattus rattus</i> ). O micro organismo recebeu o nome de <i>Yersinia pestis</i> em sua homenagem. Essa bactéria tem a forma de bacilo, curto e ovoide (figura 2). A peste, em essência uma doença de roedores, é transmitida principalmente por meio da picada de	Ainsi, le Glivec est emblématique de thérapies qui bloquent un rouage clé de la cellule cancéreuse, une enzyme du nom de tyrosine kinase. Pour le comprendre, il faut revenir à l'origine de la leucémie myéloïde chronique. <i>Cette maladie est liée à un échange d'ADN entre deux chromosomes dans certaines cellules de la moelle osseuse. Une anomalie qui conduit à la fusion de deux gènes. L'ensemble code une enzyme mutée, une tyrosine kinase, qui pousse la cellule à se diviser en permanence, à travers une</i>

<p>pulgas infectadas com a bactéria. <i>Das quase duas mil espécies de roedores identificados, cerca de 230 – dos gêneros Rattus, Cerradomys (Oryzomys), Galea, Trychmys, Olgoryzomys, Calomys e outros – abrigam naturalmente a Y. pestis, que foi encontrada em mais de 200 das mais de 3 mil espécies de pulgas. Nos focos ainda existentes no Nordeste brasileiro, destaca-se um roedor nativo, o pixuna ou ratinho-do-cerrado (Necromys lasiurus, por viver perto de habitações humanas...</i> (PESTE..., 2012, p. 26).</p>	<p><i>cascade de réactions.</i> Brian Druker et ses collègues ont eu l'idée de paralyser cette kinase. Ce qui était tout sauf un hasard.<sup>6</sup> (CANCER..., 2010, p. 42).</p>
--	--

**Fonte:** Elaboração própria.

No início do fragmento apresentado, observamos, na Ciência Hoje (CH), a voz do autor, o DV, relatando a primeira vez que houve um isolamento da bactéria a favor da peste, relato apresentado numa linguagem mais próxima de um leitor não especializado. A partir do destaque que fizemos em itálico, observamos a introdução da fala de outrem, um enunciado que reflete um saber que se aproxima mais do domínio da esfera científica, pois, mesmo que o enunciado não apresente a introdução dessa forma diferente de dizer, essa outra voz reflete um conhecimento bastante específico, marcado pela presença de nomes científicos dos animais, pela classificação dos roedores, bem como pela sua quantificação. Essa inserção, portanto, se dá sob a *forma dissimulada*. De igual modo ocorre em *La Recherche* (LR). Observemos que o DV, numa linguagem comum, fala de uma terapia que bloqueia uma parte de uma célula cancerígena e sinaliza ao leitor sobre a importância de se conhecer a origem da leucemia. Na sequência, em itálico, o enunciado já vem marcado por uma voz técnica, científica, específica, quando aborda a troca de cromossomo, fusão de genes, codificação enzimática, reações químicas etc. E, em seguida, observamos o retorno à voz do DV; tudo isso sem qualquer indicação formal da inserção dessa voz sob a forma dissimulada.

ii. *construção híbrida*: fora da esfera literária, essa forma de construção híbrida pode ser observada quando, na voz do divulgador, é possível observar duas maneiras discursivas no tecido dialógico, pela diversidade de linguagens, de estilos ou de posição semântica, muito similar à forma dissimulada apresentada anteriormente, já que não há fronteira formal separando os estilos, as linguagens, conforme a seguir:

<sup>6</sup> Tradução nossa: “Assim, Glivec é emblemático das terapias que bloqueiam uma das principais engrenagens da célula cancerosa, uma enzima chamada tirosina quinase. Para entendê-la, é preciso voltar à origem da leucemia mielóide crônica. Esta doença está ligada a uma troca de DNA entre dois cromossomos em certas células da medula óssea. Uma anomalia que leva à fusão de dois genes. O conjunto codifica uma enzima mutada, uma tirosina quinase, que faz com que a célula se divida continuamente, através de uma cascata de reações. Brian Druker e seus colegas tiveram a idéia de paralisar essa cinase. O que foi tudo menos uma coincidência”.

**Quadro 2.** O discurso de outrem em construção híbrida

CIÊNCIA HOJE (CH)	LA RECHERCHE (LR)
<p>Nenhuma outra doença teve tanto impacto na vida das populações humanas quanto a peste. Responsável pela morte de mais de 200 milhões de pessoas, ao longo dos últimos milênios, alterou tragicamente – em diferentes épocas – a ordem social e econômica e o próprio curso da história. Considerada por muitos um castigo divino, ela atingiu indiscriminadamente campos, cidades, pobres, ricos, homens, mulheres, adultos e crianças, deixando marcas no imaginário humano que se refletem em vários aspectos das artes, como na pintura, literatura, poesia, teatro e cinema.</p> <p><i>Originária do planalto central da Ásia, a enfermidade causou, apenas durante a era cristã, três pandemias. A primeira, denominada ‘Peste de Justiniano’, afligiu o norte da África, a Europa e o centro-sul da Ásia entre os anos 542 e 602, causando elevada mortalidade e contribuindo para o declínio do Império romano. A segunda, conhecida como ‘Peste Negra’, surgiu na forma pneumônica (a mais letal) e estendeu-se do século 14 ao 16, exterminando um terço da população europeia apenas entre os anos 1347 a 1553. [...] (PESTE..., 2012, p. 25).</i></p>	<p>À 700 kilomètres au large des Açores, trois hommes sont confinés dans l’<i>Archimède</i>, le petit sous-marin océanographique de la Marine nationale française. L’un pilote, l’autre surveille les instruments de mesure, le troisième, Xavier Le Pichon, géophysicien au Centre national pour l’exploitation des océans (Cnexo, ancêtre de Ifremer), regarde par le hublot.</p> <p><i>C’est la première fois que des hommes observent de leurs propres yeux le plancher océanique. Ils sont à 2.539 mètres sous le niveau de la mer, dans une plaine large de 2 kilomètres, encaissée entre deux hautes parois. C’est le fond de la dorsale médio-atlantique, cette double chaîne de montagnes qui balafre l’océan en son milieu.</i><sup>7</sup> (40 ANS..., 2010, p. 44).</p>

**Fonte:** Elaboração própria.

Nos dois enunciados acima, tanto em CH quanto LR, observamos uma *construção híbrida* típica de dois tons, dois estilos. Os fragmentos em itálico demonstram que o autor, sem fazer uso de nenhuma fronteira formal, composicional ou sintática que delimite a fronteira entre vozes marcadas por estilos distintos, insere-as na construção, da mesma forma como ocorre na forma dissimulada. Observamos, em ambos os fragmentos, duas perspectivas semânticas. Na primeira, identificamos o que seria um discurso cotidiano ou jornalístico (quando, no primeiro, o DV retrata, num tom caracteristicamente corriqueiro, uma linguagem comum, o impacto da peste na vida das pessoas ao curso da história; e no segundo, o relato de homens trabalhando num submarino na região dos Açores). A segunda perspectiva, dessa vez mais técnica, apresenta uma voz marcada por uma tonalidade mais científica, com dados precisos, portando informações que refletem uma perspectiva semântico-axiológica de exatidão e “verdade”, típico de enunciados resultantes de pesquisa científica.

<sup>7</sup> Tradução nossa: “A 700 quilômetros dos Açores, três homens estão confinados no Arquimedes, o pequeno submarino oceanográfico da Marinha Francesa. Um piloto, o outro monitora os instrumentos de medição, e o terceiro, Xavier Le Pichon, geofísico do Centro Nacional de Exploração dos Oceanos (Cnexo, ancestral de Ifremer), olha pela vigia. É a primeira vez que os homens veem o fundo do oceano com seus próprios olhos. Eles estão a 2.539 metros abaixo do nível do mar, em uma ampla planície de 2 quilômetros, envoltos entre dois muros altos. É o fundo da cordilheira do meio do Atlântico, essa dupla cadeia de montanhas que marca o oceano no meio”.

iii. *motivação pseudo-objetiva*: na observação de Bakhtin, a construção híbrida na literatura se manifesta como uma “dupla dicção e duplo estilo” (BAKHTIN, 2015, p. 84). Porém, nesse tipo de transmissão do discurso de outrem, há uma marcação formal, que nos permite diferenciar. Característica fortemente marcada no romance humorístico, essa motivação é observada na DC quando o divulgador traz uma nova voz ao enunciado, muitas vezes, seguindo uma orientação argumentativa diferente (adversativa, no caso do exemplo a seguir), como mostra a análise.

**Quadro 3.** O discurso de outrem como motivação pseudo-objetiva

CIÊNCIA HOJE (CH)	LA RECHERCHE (LR)
Hoje, a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) aposta que somente a partir de 2014 o país deve se tornar autossuficiente no enriquecimento do urânio e previsões das Indústrias Nucleares do Brasil (INB) sugerem que será apenas por volta de 2020. As discussões que orbitam os caminhos e descaminhos da energia nuclear, <i>no entanto</i> , ganharam ao longo das últimas décadas uma nova componente que transcende aspectos técnicos ou econômicos. É a questão ambiental que agora entra em cena, mais influente do que nunca. (30 ANOS..., 2012, p. 24).	L'efficacité des thérapies ciblées se fonde sur un changement de concept dans le développement des anticancéreux. Pendant des décennies, la cellule tumorale a été une boîte noire. Les biologistes savaient qu'elle proliférait. <i>Mais</i> ils ignoraient tout des raisons pour lesquelles une cellule normale devenait cancéreuse. Pour trouver des traitements, la démarche consistait donc à tester un nombre considérable de substances sur des cellules tumorales in vitro. Celles qui stoppaient leur prolifération ou les tuaient étaient sélectionnées pour des essais chez l'homme <sup>8</sup> . (CANCER..., 2010, p. 41-42).

**Fonte:** Elaboração própria.

No segundo período do fragmento de CH, identificamos a presença da conjunção coordenativa adversativa *no entanto*. Seu uso vem marcar o que Bakhtin chamou de *motivação pseudo-objetiva*, que é um dos aspectos da fala dissimulada de outrem. Há, com uso dessa conjunção, uma outra forma de construção híbrida na presença da voz do outro no discurso: por trás da fala do DV, há uma outra fala motivada pseudo-objetivamente, ou seja, o DV, ao usar sua voz para falar sobre as prospecções da CNEN e INB em relação à energia nuclear, traz uma outra voz, com uma nova informação (sobre a questão ambiental influenciadora no processo, não citada antes), introduzida pelo *no entanto*. Em LR, o DV, ao falar da eficácia das terapias e do funcionamento da célula tumoral, objeto de conhecimento dos biólogos, orchestra o uso da conjunção coordenativa *mas* para trazer uma outra voz que irá relacionar adversativamente ao que por ele já foi dito: o desconhecimento da transformação de uma célula normal em cancerígena.

<sup>8</sup> Tradução nossa: “A eficácia das terapias direcionadas é baseada em uma mudança de conceito no desenvolvimento de drogas anticâncer. Por décadas, a célula tumoral tem sido uma caixa preta. Os biólogos sabiam que estava proliferando. Mas eles não sabiam por que uma célula normal se tornou cancerosa. Para encontrar tratamentos, a abordagem consistiu em testar um número considerável de substâncias em células tumorais in vitro. Aqueles que pararam sua proliferação ou os mataram foram selecionados para testes em humanos”.

iv. *discurso de autoridade*: vem marcado, no discurso romanescos, por “esse ou aquele grau de independência verbo-semântica, sendo por seu horizonte um discurso do outro na linguagem do outro” (BAKHTIN, 2015, p. 100). Observamos também essa transmissão do discurso do outro na cadeia discursiva da DC, quando o DV traz outras falas, muitas vezes, refratando suas intenções, chegando a ser uma “segunda linguagem” sua, numa tonalidade de autoridade, de poder, numa influência exercida de fora, e que o DV rege, manipula para dar o acabamento formal ao enunciado.

#### Quadro 4. O discurso de autoridade

CIÊNCIA HOJE (CH)	LA RECHERCHE (LR)
“Há controvérsias polarizadas que supervalorizam os benefícios e ignoram os riscos”, analisa a especialista em política científica Noela Invernizzi, da Universidade Federal do Paraná. O sociólogo Paulo Martins, da Rede de Pesquisa em nanotecnologia, Sociedade e Meio Ambiente (Renanosoma), lembra que foi somente em 2011 que o governo brasileiro lançou o primeiro edital para fomentar estudos nanotoxicológicos. “Nesta etapa, engajamento público é fundamental nos processos decisórios que definirão os rumos de ciência e tecnologia no Brasil”, opina. (30 ANOS..., 2012, p. 25).	« Mes patients étaient de ceux à qui on avait dit : « mettez de l'ordre dans vos affaires ». Ils allaient bientôt mourir. Aujourd'hui, [plus de dix ans plus tard], certains d'entre eux jouent avec leurs petits enfants ». Les patients en question sont ceux de Brian Druker, de l'Oregon health and science institute, aux États-Unis. Ce spécialiste de la leucémie myéloïde chronique a reçu en septembre 2009 le prix Lasker de la recherche clinique. Un prix considéré comme l'antichambre du Nobel. Et pour cause. Avec Nicholas Lydon, de la firme Novartis, et Charles Sawyers, du Memorial Sloan-Kettering Cancer Center, il a mis au point le premier « traitement intelligent » du cancer. « L'expression n'est pas usurpée, estime Jean-Charles Soria, oncologue à l'Institut Gustave-Roussy. Pour la première fois, un traitement ciblait une anomalie moléculaire que l'on savait participer à la progression tumorale ». Le médicament bloquait une enzyme qui, mutée, poussait certains globules blancs à proliférer. Cette stratégie a tout de suite payé. Dès le premier essai, en 2000, le Glivec a augmenté de 17% la survie des malades sur douze mois, comparé au traitement habituel de cette leucémie. [...]» (CANCER..., 2010, p. 40).

**Fonte:** Elaboração própria.

<sup>9</sup> Tradução nossa: “Meus pacientes eram daqueles que haviam sido informados: “arrume sua casa”. Eles logo morreriam. Hoje, [mais de dez anos depois], alguns brincam com os netos. Os pacientes em questão são os de Brian Druker, do Oregon Health and Science Institute, nos Estados Unidos. Em setembro de 2009, esse especialista em leucemia mielóide crônica recebeu o Prêmio Lasker de Pesquisa Clínica. Um prêmio considerado como a antecâmara do Nobel. E por uma boa razão. Com Nicholas Lydon, da Novartis, e Charles Sawyers, do Memorial Sloan-Kettering Cancer Center, ele desenvolveu o primeiro “tratamento inteligente” do câncer. “A expressão não é usurpada, diz Jean-Charles Soria, oncologista no Instituto Gustave-Roussy. Pela primeira vez, um tratamento direcionado a uma anomalia molecular que sabíamos participar da progressão do tumor. A droga bloqueou uma enzima que, mutada, causou a proliferação de alguns glóbulos brancos. Essa estratégia valeu a pena imediatamente. No primeiro estudo, em 2000, Glivec aumentou a sobrevida dos pacientes em 17% em 12 meses, em comparação com o tratamento usual dessa leucemia. [...]”

Tanto no fragmento de CH quanto no de LR, observamos como o DV lança mão da palavra de outrem que, já reconhecida e “encontrada de antemão”, é trazida para seu discurso, no intuito de apresentar legitimidade, credibilidade, sustentar hierarquicamente o que se é dito pelo autor (DV). Além de apresentar informação, como diz Bakhtin (2015), essa palavra autoritária adquire um sentido ainda mais profundo, como a fala do pai, dos professores, das instituições tão presentes nos discursos sociais. No primeiro caso, o DV lança mão de duas outras vozes, enquanto discurso de autoridade, para “credibilizar”, do ponto de vista científico e institucional, seu projeto de dizer. No segundo caso, observa-se a mesma estratégia: a voz do especialista Brian Druker, ganhador de prêmio, é a voz convocada pelo DV para figurar como um *discurso de autoridade*.

v. *gêneros intercalados*: partindo da premissa bakhtiniana de que qualquer gênero discursivo é preche de vozes alheias, com marcas formais ou não, e ainda que, no caso do romance, não só vozes de outrem povoam seu universo discursivo, mas também outros gêneros, podemos afirmar que no universo extraliterário, como é o caso da DC, há a possibilidade de, no seu interior, conjugar outros gêneros (um boxe, uma entrevista, um infográfico, no interior de um artigo de descoberta científica, por exemplo), preservando, muitas vezes, sua autonomia e originalidade linguística e estilística, como observado a seguir.

Figuras 2. Gêneros intercalados



Fonte: página de *Ciência Hoje* (2012, p. 29)

Figuras 3. Gêneros intercalados



Fonte: página de *La Recherche* (2010, p. 48)

Nas figuras 2 e 3, reprodução das páginas das revistas CH e LR, observamos outra forma de fazer ressoar diversas vozes e perspectivas axiológico-semânticas no enunciado de DC.

Trata-se da presença de *gêneros intercalados*. Em CH, a apresentação do texto em prosa é intercalada pela presença de uma figura que, funcionando como um outro gênero, estratifica a estrutura composicional e introduz a sua própria linguagem na voz do DV, com as informações constantes do gráfico (poderíamos também analisar essa presença pela perspectiva dialógica entre linguagem verbal e não-verbal, mas essa não é a intenção primeira do trabalho). De igual modo, no fim dessa mesma página, há a presença de um outro enquadramento de gênero: a presença de um boxe com uma outra voz trazendo sugestões de leitura. Coincidentemente, também em LR, a intercalação do gênero se dá pela presença de uma figura no topo da página e de um boxe informativo ao pé de página à direita.

## 4.2 Considerações sobre o heterodiscurso na DC

Em face das discussões e análises apresentadas sobre as diferentes formas da palavra de outrem nos enunciados de DC de duas revistas de países diferentes, podemos confirmar, sustentados no pressuposto bakhtiniano discutido neste estudo sobre o heterodiscurso, que estamos diante de um discurso internamente dialogicizado, marcado pela coexistência de vozes que se cruzam multiformemente sob a batuta do DV, constituindo, assim, uma dialogicidade intrínseca característica dos textos de DC.

De longe, os textos de DC não são monofônicos, mas essencialmente dialógicos, “porque resultam do embate de muitas vozes sociais” (BARROS, 2003, p. 6). Pela intenção do DV, essas vozes de outrem são convocadas e lançadas no discurso da DC, envolvidas por uma nova intenção:

As palavras dos outros, introduzidas em nosso discurso, invariavelmente assumem uma nova intenção - a exposição: isto é, elas se tornam duas vozes. Somente a inter-relação dessas duas vozes pode ser diferente. Já a transmissão da afirmação do outro na forma de uma pergunta leva ao choque de duas intenções em uma palavra: na verdade, não apenas fazemos perguntas, mas problematizamos a afirmação de outras. Nossa linguagem da vida prática é cheia de palavras de outras pessoas (BACHTIN, 1997, p. 199-200)<sup>10</sup>.

Dessa forma, nesse jogo de vozes orquestrado e regido pelo DV, ao lançar mão de enunciados (muitas vezes não integrais) de outras esferas, de outros gêneros e de outros sujeitos para constituir seu dizer, nem precisaríamos perguntar se haveria aí relação dialógica, pois a resposta é indiscutivelmente sim. Aproveitamos, então, as palavras do próprio Bakhtin:

As relações dialógicas são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado [...], se ouvimos nela a voz do outro. Por isso, as relações dialógicas

---

<sup>10</sup> No original em italiano: Le parole altrui, introdotte nel nostro discorso, prendono immancabilmente su di se una nuova intenzione – la mostra: diventano cioè a due voci. Diversa può essere solo l'interrelazione di queste due voci. Già la trasmissione di un'affermazione altrui in forma di domanda porta allo scontro di due intenzioni in u'unica parola: noi infatti non solo poniamo domande, ma problematizziamo l'affermazione altrui. Il nostro linguaggio della vita pratica è pieno di parole altrui. (BACHTIN, 1997, p.199-200).

podem penetrar no âmago do enunciado [...], por outro lado, as relações dialógicas são possíveis entre os estilos de linguagem [...]. Por último, as relações dialógicas são possíveis também com a própria enunciação como um todo [...]. (BAKHTIN, 2015, p. 210-211).

As demonstrações das palavras de outrem convocadas pelo DV para compor o discurso de DC, nas suas mais variadas formas (dissimulada, construção híbrida, motivação pseudo-objetiva, palavra autoritária e sob a forma de gêneros intercalados), permitiram-nos observar que os textos de DC se desenvolvem na fronteira de vários sujeitos, não só de dois, autor e leitor, mas diríamos de vários: divulgador, cientista, jornalista, educador, destinatário etc.

Seria possível apresentar mais observações sobre o fenômeno da palavra de outrem no discurso da DC, porém em virtude do espaço destinado a este artigo e por acreditarmos que o que foi demonstrado seja suficiente para afirmar a plurivocalidade da DC, encerramos aqui a discussão, ratificando que, enquanto diálogo de sujeitos, esferas, vozes e gêneros, a DC constitui um fenômeno heteroglótico e dialógico por excelência. E, como vimos, há sempre uma voz preponderante, orquestrante, regente: é a voz do regente das vozes, é a voz do DV. Todas as outras por ele convocadas e orquestradas nos textos dependem de sua batuta, é ele que manipula, ajusta, coloca em relação dialógica as vozes dos outros no interior do enunciado da DC. Essas outras vozes “perdem” sua intenção primeira, “original”, para assumir, no jogo dialógico que o DV faz com elas, de forma mostrada ou não, uma nova intenção, a intenção de sustentação de um objetivo maior do autor, que é divulgar o conhecimento científico. E assim, confirmamos que o monologismo e a univocidade não constituem nem refletem o projeto discursivo da DC, mas o dialogismo em sua plurivocalidade, heterodiscursividade.

## Considerações finais

Neste artigo, empreendemos uma discussão sobre dialogismo e heterodiscurso, importantes conceitos da teoria bakhtiniana da linguagem, com vistas a analisar, dialógica e comparativamente, o discurso da DC em dois países diferentes, através de sua materialização enunciativa em revistas.

Aportados na concepção dialógica da linguagem de Bakhtin, esses conceitos proficuamente analisados pelo filósofo russo na arte literária podem ser pertinentes para a análise de enunciados de outras esferas de comunicação humana, que, no caso do presente artigo, foi a DC, entendida como relação dialógica entre esferas.

Com base na observação, análise e comparação das diferentes formas de introdução da palavra de outrem nos textos de DC, afirmamos que eles são, essencialmente, dialógicos e heterodiscursivos, no sentido autêntico que Bakhtin instituiu ao analisar esse fenômeno na obra romanesca de Dostoiévski.

Afirmamos, assim, que a DC é multivocalizada, pois lida e interage a todo momento com as palavras do outro, convivendo com elas, compreendendo-as, avaliando-as ativamente e

responsivamente. Na DC, o DV, ao trazer a pluralidade de vozes, não se coloca nos mesmos níveis delas; nesse caso, ele, enquanto regente delas, manipula-as para responder aos seus interesses discursivos, persuasivos, informativos, enfim, divulgativos.

Dando um acabamento formal a este artigo, trazemos as palavras de Tezza (2003) para mostrar como o inacabamento temático das reflexões bakhtinianas sobre os discursos, nas suas mais variadas manifestações, trazem um vasto potencial teórico-metodológico-analítico:

O que é importante frisar é que Bakhtin não faz de modo algum uma classificação fechada, uma abstração semântica ou formal. Ele simplesmente abre um imenso potencial de interpretação estilística fundamentado, todo ele, no momento verbal plurilíngue; no fato inescapável de que a palavra, em sua vida concreta, é sempre o ponto de encontro de centros de valores ativos; ela é a atualização de um momento verbal que vai muito além do seu sinal de referência (TEZZA, 2003, p. 154).

## Referências

30 ANOS: ciência ao alcance de todos. *Ciência Hoje*. São Paulo, v. 49, n. 294, jul. 2012.

40 ANS de science. *La Recherche*. Paris, n. 441, maio 2010.

BACHTIN, M. M. *Problemi dell'opera di Dostoevskij* [1929]. Trad. M. de Michiel e A. Ponzio. Bari: Edizioni dal Sud, 1997.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Org. Trad. Posfácio e Notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. Por uma metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b p.393-410.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética* (A teoria do romance). Equipe de Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011a p.337-357.

BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: A estilística*. Trad., prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BARROS, D. L. P de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: BARROS, D. L. de P.; FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

BEZERRA, P. Tradução, arte, diálogo. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 235-251, set./dez. 2015.

BRAIT, B. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D. L. P. de; FIORIN, J. L. (Orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 11-28.

CANCER: la révolution. *La Recherche*. Paris, n. 440, abr. 2010.

## LINHA D'ÁGUA

CAVALCANTE FILHO, U. *A constituição e o funcionamento do gênero divulgação científica*. 2011. 96 f. Dissertação. (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia.

CAVALCANTE FILHO, U. A construção composicional em enunciados de divulgação científica: uma análise dialógico-comparativa de *Ciência Hoje* e *La Recherche*. *Linha D'Água* (Online), São Paulo, v. 31, n. 3, p. 99-120, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/149667>. Acesso em: 25 jun. 2019.

CAVALCANTE FILHO, U. Dialogia e comparação em embate e complementação: anotações metodológicas para uma análise do discurso da divulgação científica. *Polifonia*, v.27, n.49, p. 437-454, out./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/10757>. Acesso em: 25 jun. 2019.

CAVALCANTE FILHO, U. Traces de didacticité dans la vulgarisation scientifique : une analyse dialogique-comparative du discours de *Ciência Hoje* et de *La Recherche*. In : GRILLO, S. V. de C. ; REBOUL-TOURÉ, S.; GLUSHKOVA, M. (Org.). *Analyse du discours et comparasion : enjeux théoriques et méthodologiques*. Peter Lang : Brussels, 2021. p. 221-245. v. 16 (Études Contrastives).

CLARK, K. ; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FARACO, C. A. *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GRILLO, S. V. de C. *Divulgação científica: linguagens, esferas e gêneros*. 2013. 332 f. Tese (Livre-Docência). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

GRILLO, S. V. de C.; GLUSHKOVA, Maria . A divulgação científica no Brasil e na Rússia: um ensaio de análise comparativa de discursos. *Bakhtiniana*, v. 11, 2016, p. 69-92. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-457323556>.

GRILLO, S. V. de; GIERING, M. E. ; MOTTA-ROTH, D. Editorial: Perspectivas discursivas da divulgação/popularização da ciência. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 3-13, maio/ago. 2016. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/27166/19228>. Acesso em: 25 jun. 2019.

MACHADO, F. S. Análise comparativa de blogs de divulgação científica em português: a descoberta em perspectiva. *Linha D'Água* (Online), São Paulo, v. 31, n. 3, p. 73-97, set./dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/148794/149041>. Acesso em: em: 25 jun. 2019.

MACHADO, F. S. Aspects de la divulgation scientifique dans les blogs brésiliens. In: GRILLO, S. V. de C. ; REBOUL-TOURÉ, S.; GLUSHKOVA, M. (Org.). *Analyse du discours et comparasion : enjeux théoriques et méthodologiques*. Peter Lang: Brussels, 2021. p. 201-220. v. 16. (Études Contrastives).

MACIEL, L. V. de C. Relações dialógicas em narrativas. 2014. 360 f. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo.

MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários: a introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012. p.193-210.

MOIRAND, S; REBOUL-TOURE, S; RIBEIRO, M. P. A divulgação científica no cruzamento de novas esferas de atividade linguageira. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 137-163, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/23847/19242>. Acesso em: 25 jun. 2019.

PESTE: ameaça oculta ainda preocupa. *Ciência Hoje*. São Paulo, v. 49, n. 293, jun. 2012.

SCHNAIDERMAN, B. Bakhtin 40 graus (uma experiência brasileira). In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

SILVA, B. A. de A. e; GRILLO, S. V. C. Novos percursos da ciência: as modificações da divulgação científica no meio digital a partir de uma análise contrastiva. *Bakhtiniana*, v. 14, n. 1, p. 51-73, jan./mar. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/36377/27017>. Acesso em: 10 jun. 2020.

TEZZA, C. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.